

PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES ENTRE FILOSOFIA E LETRAS NO ÂMBITO DO PIBID

Erick Campos Correa ¹
Gisélle Fátima Elicker das Neves ²
Rafael Ulisses Perin ³

RESUMO

O presente artigo apresenta a experiência pedagógica desenvolvida através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), realizada na escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro (EENAV), que teve como um de seus pilares metodológicos e objetivos finais a realização da interdisciplinaridade entre os cursos de letras e filosofia. A proposta esteve fundamentada na elaboração de planos de aula interdisciplinares, procurando conectar os assuntos abordados com o cotidiano e interesse dos alunos desta escola. A partir da aplicação desses planos em sala de aula, buscou-se desenvolver práticas pedagógicas de caráter lúdico e investigativo, abordando temas como emoções, a relação dos sujeitos com a tecnologia e a natureza, além do exercício da comunicação e investigação dos próprios estudantes. A experiência evidenciou a potencialidade do diálogo entre as áreas do conhecimento na formação discente e a ressignificação do processo de ensino-aprendizagem. O referencial teórico que sustentou o planejamento e a prática pedagógica incluiu autores como bell hooks, Ailton Krenak, e Matthew Lipman, cujas contribuições influenciaram não só a construção dos planos e as escolhas dos temas, mas também como seria a prática na sala de aula.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade, Prática, Filosofia, Letras.

INTRODUÇÃO

A primeira intervenção nas turmas de primeiro ano 105 e 106 da escola Escola Estadual de Educação Básica Nicolau de Araújo Vergueiro, foi voltada para a prática do estudo das emoções como forma de resistência e coletividade, apoderando-se de contos indígenas como forma de empoderamento da cultura brasileira. Também foi utilizada as práticas docentes de bell hooks, inspirando-se em sua pedagogia engajadora dentro de sala e da didática de ensino como prática de liberdade.

¹ Graduando do Curso de Filosofia da Universidade de Passo Fundo - UPF, 195732@upf.br;

² Graduanda do Curso de Filosofia da Universidade de Passo Fundo - UPF, 193922@upf.br;

³ Graduando do Curso de Filosofia da Universidade de Passo Fundo - UPF, 166805@upf.br;



É no diálogo entre bell hooks e os saberes dos povos originários que a ideia da primeira intervenção foi imaginada, uma vez que, diante da proposta de que a pedagogia engajadora necessita o reconhecimento equitativo dos alunos, os saberes dos povos indígenas proporcionam um espaço de conhecimento coletivo, ancestral, respeitoso e empoderador. Além disso, o conhecimento indígena brasileiro, muitas vezes desprezado por preconceitos, trás ensinamentos ricos em ética, fundamental para o ensino da filosofia e, na forma de contos, dialoga também com a disciplina interdisciplinar de letras. A escolha das emoções foi pensada no cotidiano dos alunos, uma vez que todos possam pensar e discutir sobre as suas próprias emoções e dos outros para a construção da ideia de empatia e identidade.

O intuito da primeira intervenção foi de construir um ambiente agradável, respeitoso e equitativo, deste modo, as próximas intervenções pudessem já estar estabelecidas em uma base sólida de confiança entre os alunos e pibidianos. A construção da intervenção, seguindo as normas de competências das habilidades da BNCC (1. Conhecimento; 3. Repertório cultural; 4. Comunicação; 5. Cultura digital; 8. Autoconhecimento e autocuidado; 9. Empatia e cooperação; 10. Responsabilidade e cidadania) seguiu as seguintes perguntas: nossas emoções refletem o nosso cuidado? As emoções dos outros, no nosso coletivo, importam para nossa saúde? Por que as emoções mútuas podem ser entendidas como forma de resistência? Essas perguntas seguem a linha dos objetivos de trabalhar o reconhecimento e a expressão das emoções como parte da vida coletiva, entendendo-as como força de resistência e transformação. Os objetivos específicos foram: estimular a escuta sensível e o respeito à fala do outro em um espaço dialógico; reconhecer as emoções como parte da vida comunitária e da relação com a natureza; desenvolver formas criativas de expressão das emoções (oralidade, arte, gestos); valorizar saberes indígenas como epistemologias que resistem e ensinam.

METODOLOGIA

Durante a experiência adquirida através do Pibid na Escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro (EENAV), os licenciandos tiveram a oportunidade de colocar em prática todo o conhecimento que adquiriram até o momento em sua área. A prática realizada na escola EENAV, visando o ensino médio, contemplou duas áreas do conhecimento: a letras e a filosofia. A junção destas duas áreas se mostrou bastante rica na troca entre as teorias para a construção de uma metodologia, já que grande parte da experiência do Pibid não ocorre apenas na sala de aula, mas também no planejamento, na escolha de temas, e no diálogo através das teorias.



O foco do planejamento esteve desde seu início em uma abertura do cotidiano dos estudantes, buscando temas que pudessem ser mais palpáveis e sensibilizasse a turma, não buscando assuntos que fugissem da realidade desses estudantes, e também buscando trazer discursos com ideias importantes para se refletir. Este foco possibilitou ao grupo trazer um diálogo mais informal para a sala de aula, buscando não se prender a ideia do senso comum de um professor como o "portador do conhecimento".

O diálogo foi a peça fundamental da metodologia para que a experiência em sala de aula fosse realizada da devida forma em que foi planejada, da mesma forma em que também foi de extrema importância durante a didática, buscando trazer um protagonismo aos estudantes do ensino médio. Este protagonismo através do diálogo também se apresenta nos teóricos usados para a construção destas intervenções na escola.

A metodologia dentro de sala de aula foi feita da seguinte forma: em uma roda de conversa em disposição circular, inspirada nas práticas indígenas de diálogo, onde todos têm voz, introduzindo mitos/contos indígenas que tratam de emoções, comunidade e natureza. Buscando a escuta ativa e horizontal (aluno para aluno e professor(a) como mediador(a)). Na sequência, a expressão criativa com uso de símbolos, escrita de contos, desenhos ou gestos para registrar emoções.

No desenvolvimento, o primeiro momento da aula fora dedicado para a realização do acolhimento em uma roda de diálogo com uma breve conversa e apresentação da turma e dos pibidianos e do que significa estar em círculo (ninguém está à frente, todos se olham), resgatando a ideia de bell hooks sobre aprender em comunidade. Perguntas gatilhos foram planejadas para o andamento da aula, assim, ajudando os alunos a assimilar as informações. Nesse primeiro momento, as perguntas foram: o que sentimos quando estamos em círculo, onde todos podem se ver e ser vistos? Por que é importante ouvir sem interromper? Como um espaço de fala coletiva pode nos ajudar a aprender juntos?

No segundo momento, foi apresentado os contos dos povos originários; *A lenda da erva mate*; *A lenda do dia e noite*; *Lenda da mandioca*. Dedicamos espaços para que os próprios alunos pudessem ler em voz alta, encorajando o empoderamento e lugar de respeito mútuo. Na sequência, dialogamos sobre como essa narrativa nos ensina que sentimentos não são só individuais, mas fazem parte do coletivo e da vida em relação com os outros. As perguntas gatilhos foram: que sentimentos essa história desperta em vocês? Como a comunidade da história transformou uma experiência difícil em algo que beneficiou a todos? O que podemos aprender com narrativas que vêm de outros tempos e culturas? Como uma dor coletiva pode se transformar em cuidado mútuo?



O terceiro momento foi dedicado para o compartilhamento de emoções dos alunos em forma de escrita reflexiva. Para cada aluno foi dado uma emoção diferente aleatoriamente, o intuito é de que os alunos criassem um conto acerca da emoção proposta, podendo utilizar qualquer forma de escrita e de método. Também fora proposto que os contos fossem anônimos, visando a confortabilidade e respeito a alguma emoção sensível para algum aluno. Na sequência, abrimos espaço para o diálogo sobre a elaboração dos contos, deixando aberto às opiniões e leituras caso algum aluno quisesse. Perguntas gatilhos também foram pensadas para facilitar o desenvolvimento dos contos e no diálogo: o que vocês descobriram sobre as emoções dos outros hoje? Como foi compartilhar uma história anônima e receber outra? O que significa não estar sozinho nas próprias emoções?

O último momento foi dedicado para a criação de um mapa afetivo e coletivo da turma e a produção do “livro de contos da turma”. Cada aluno desenhou um símbolo, palavra, gesto, etc. da sua emoção em uma cartolina, desta forma, criando um mapa único que simboliza artisticamente as emoções da própria turma. Os livros de contos da turma foram feitos com os contos de cada aluno, transformando seus contos em um livro único e empoderado da turma.

REFERENCIAL TEÓRICO

Matthew Lipman (1923-2010), foi um filósofo que buscava este protagonismo através do diálogo dos estudantes, sendo o professor uma espécie de mediador, buscando a prática da argumentação e do pensamento crítico (Lipman, 1990). Para o pensador, a filosofia não deveria ser uma disciplina apenas para o ensino médio, mas também para o ensino fundamental. Ele dá base a este pensamento no argumento de que a filosofia é uma matéria que estrutura muitas capacidades dialógicas e críticas, sendo de extrema importância ser exercitada desde o início da vida estudantil das crianças (Lipman, 1990).

Este exercício dialógico se mostra uma ferramenta muito atraente para a formação de capacidades argumentativas e críticas para os estudantes do ensino médio também, já que o diálogo é a peça chave para compreender o outro, suas vontades e dificuldades. Lipman também aponta para o uso da leitura como ferramenta de criação de discussões, sendo ele autor de vários livros infantis que abordam temas filosóficos mais cotidianos para os estudantes.

bell hooks (1952-2021) também foi basal para a estruturação das intervenções, pois a filósofa também tem como horizonte pedagógico o próprio diálogo. Para a pensadora, o diálogo é também uma forma de o estudante se constituir como sujeito dentro da comunidade



e dar liberdade a sua voz (hooks, 2013), isto é, construir um espaço respeitoso e que traga luzes ao cotidiano e pensamento dos estudantes, que também percebam seu espaço na sociedade. O diálogo para hooks tem um papel intrinsecamente político, sendo muitas vezes desafiador, porém trazendo liberdade às vozes dos estudantes (hooks, 2013). Dentre os Filósofos destacados usados na para a construção da metodologia, bell hooks foi uma das mais relevantes para a produção das intervenções.

A conexão entre estes dois autores mostrou um caminho mais concreto do que deveria ser feito na sala de aula, e como a interdisciplinaridade poderia ocorrer através do diálogo. O cotidiano foi um ponto central no projeto, já que o objetivo dentro da sala de aula era buscar temas que tangenciasse a realidade dos estudantes, podendo assim focar em problemas que eles pudessem verbalizar e que pudessem ser problematizados para uma boa discussão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora as turmas 105 e 106 sejam completamente diferentes, os resultados evidenciaram um significativo engajamento dos estudantes nos diálogos e discussões em geral. Observou-se, também, que o caráter coletivo da atividade favoreceu a escuta respeitosa e a identificação com as experiências narradas, contribuindo para um ambiente mais acolhedor e participativo. A turma 106 foi mais ativa e energética, compartilhando o tempo todo suas opiniões e frustrações. Ela também foi mais engajada na produção dos contos e no mapa. Na turma 105, houve uma preocupação no uso de inteligência artificial para a produção dos seus contos, uma vez que houvera espaços de dias até o término da intervenção. Por mais que as duas turmas assimilaram bem a proposta das emoções como forma de resistência, e, uma aula mais descontraída do lugar comum, notamos que em ambas as turmas houvera a necessidade de guiar a produção textual, informando-os como normalmente um texto é estruturado.

Conclui-se que a articulação entre filosofia/letras, mediada por uma pedagogia engajada, mostrou-se potente na promoção de práticas interdisciplinares e na construção de um espaço educativo mais sensível, dialógico e formativo. A experiência evidenciou que trabalhar as emoções em perspectiva coletiva pode fortalecer vínculos, ampliar repertórios culturais e contribuir para a formação crítica e ética dos estudantes, ao mesmo tempo em que consolida a formação docente dos bolsistas envolvidos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hilton Japiassu, em *Interdisciplinaridade e Patologia do Saber* (1976), afirma que o mundo moderno sofre de uma “patologia do conhecimento” que decorre da especialização exagerada das disciplinas científicas, o que leva a uma crescente fragmentação do horizonte epistemológico, onde os especialistas sabem “mais e mais sobre cada vez menos” a ponto de saber “tudo sobre nada” (1976, p. 8). É essa especialização excessiva que faz com que as disciplinas percam contato com a realidade humana, tornando-se linguagens herméticas reservadas aos iniciados e deixando de conectar os humanos com seu mundo (Japiassu, 1976).

As ciências humanas, para Japiassu (1976), no estado em que se encontram hoje, são vistas como oferecendo “os produtos da decomposição de um cadáver”, sinalizando a “morte do homem” prevista pela decadência contemporânea. Essa fragmentação resulta em uma perda de significado para a existência humana e em um desequilíbrio ontológico na civilização. A filosofia positivista da ciência, ao limitar o escopo das disciplinas aos fenômenos observáveis, exclui as metodologias interdisciplinares e apresenta uma visão parcial e truncada dos fenômenos humanos.

Dessa forma, Japiassu (1976) propõe uma epistemologia e pedagogia que combatam a desintegração do conhecimento. Essa abordagem exige que os especialistas transcendam seus próprios campos, reconheçam seus limites e adotem contribuições de outras disciplinas. Japiassu (1976) defende uma epistemologia da complementaridade para substituir a epistemologia da dissociação. Assim, a abordagem interdisciplinar não é somente uma reorganização metodológica, mas uma nova forma de entender a distribuição do conhecimento e as relações entre as disciplinas. Isso envolve reunir diversas disciplinas para construir uma compreensão mais completa e menos unilateral da humanidade, que vá além da fragmentação causada pela especialização excessiva.

Para Ivani C. Arantes Fazenda, em *Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa* (2003), a interdisciplinaridade é uma atitude epistemológica fundamental e uma prática pedagógica transformadora, qualquer atividade interdisciplinar, seja de ensino ou pesquisa, requer uma imersão teórica em discussões epistemológicas fundamentais.



Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006), Mikhail Bakhtin argumenta que a linguagem é fundamentalmente um fenômeno social, enraizado nas necessidades de comunicação e interação interindividual, não apenas um sistema ideal abstrato ou um produto da psicologia individual. A filosofia e a literatura, quando articuladas de forma interdisciplinar, podem contribuir para uma compreensão mais profunda da experiência humana e da construção do conhecimento. Trabalhar a interdisciplinaridade nessas duas disciplinas requer um amplo envolvimento com diferentes formas de conhecimento e expressão, já que esses campos desempenham um papel significativo na formação humana.

Fazenda (2003) destaca o papel fundamental da linguagem na formação da compreensão humana e da interação com o mundo. Ela argumenta que a linguagem não é apenas um instrumento, mas uma revelação do eu íntimo e do vínculo psicológico que conecta os indivíduos ao mundo e aos outros. Já a filosofia fornece a base epistemológica crítica necessária para desafiar os paradigmas convencionais e promover uma compreensão sistêmica do conhecimento.

Japiassu (1976) ainda complementa dizendo que a filosofia tem um papel crucial em projetos interdisciplinares, especialmente nas ciências humanas, por atuar como uma “instância crítica interna” que promove a unidade das ciências humanas e evita que as disciplinas se tornem “mitos totalizantes”. A filosofia, dessa forma, auxilia a esclarecer o significado e a justificativa da pesquisa interdisciplinar, garantindo que o sujeito humano e sua totalidade sejam considerados.



REFERÊNCIAS

BAKHTIN , Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. HUCITEC, 2006.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade História, teoria e pesquisa: História, teoria e pesquisa**. Papirus, 2003.

GALLO, Letícia Baroni Gallo. **Narrativas ancestrais indígenas: do guaraná, do Sol e da Lua e da mandioca**. 8 dez. 2023. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/para-ensinar/planos-de-aula/lendas-indigenas-do-guarana-do-sol-e-da-lua-e-da-mandioca/>. Acesso em: 8 jan. 2026.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola**. Tradução de Maria E. de Brzezinski Prestes e Lúcia Maria S. Kremer. São Paulo: Summus, 1990.

MILAN, Pollianna; DOS SANTOS, Leandro. **Ouro Verde Brasileiro: Erva-Mate**. Disponível em: <https://www.senhoranatureza.eco.br/ouro-verde-brasileiro-erva-mate/>. Acesso em: 8 jan. 2026.

